

# Contos insones

por: Roberto Bezerra de



## Em uma terra árida

Em uma terra árida, ao longe se via o grande cacto, solitário e vazio como sempre foi. Conheceu desde semente o mundo assim, todos os cactos que ali viviam secaram neste deserto, inclusive aqueles que o geraram. Apenas ele sobreviveu, seco por fora, seco por dentro, nada lhe interessava, apenas vivia, um dia após o outro, vivia, e para ele era mais do que suficiente.

Era natural para ele ver a dança da vida e da morte em um ritmo tão intenso que pouco importava quem nascia, pois não havia tempo para se apegar.

Só, no vazio do deserto, apenas o silêncio e o calor diurno e o frio cortante da noite eram seus companheiros. Às vezes sonhava música quando o vento forte passava por seus espinhos forjando um leve assobio que lembrava uma triste canção.

digite aqui

digite aqui

- Que lindo! Que espetáculo!

-Do que estás falando? Ah, do final do dia. Que graça, isso apenas significa que o frio irá começar. Qual o espetáculo nisso? Comenta o Cacto de forma muito natural, cheia de tédio.

- Viver este dia até o fim já é uma dádiva e vê-lo se encerrar assim, coberto de tanta beleza, já valeu minha existência.

O cacto pela primeira vez pensou no fato de nunca ter tido algum objetivo na vida além de sobreviver e isso lhe deu uma enorme sensação de vazio. Aos poucos começou a vir pensamentos como: O que estou fazendo aqui? Por que não morri como meus ancestrais? Qual o meu papel nesse deserto?

Enquanto mergulhava em seus pensamentos, perdeu a beleza da luz do crepúsculo vespertino.

Chega a noite e a temperatura cai de repente. De alguma forma, proposital ou não, deixou cair uma parte de seu galho próximo a flor, de tal maneira que esta ficou protegida do vento gélido. Ao amanhecer, o gelo na ponta dos espinhos começou a derreter regando lentamente a flor em um processo repleto de cumplicidade.

Pela primeira vez, o cacto observou a flor com interesse. Ao ser banhada pela luz do nascer do dia, brilhava como se estivesse repleta de pequenas pedras de diamante. Era uma flor simples, seu



perfume era semelhante ao da terra molhada. Se tivesse como compará-la com outras flores talvez fosse considerada feia e malcheirosa, mas naquele lugar a estética era outra, o que tinha valor era o que não se esquecia, era o que não se perdia e o seu cheiro era delicioso. Sua forma era ímpar e irresistível.

O cacto então percebeu que onde existia plenitude agora deu lugar a incompletude. A presença daquela flor ao seu lado passou a ser essencial e como

objetivo resolveu aprender com ela o que nunca soube, viver.

Um dia ela falou de forma tranqüila e suave:

-Acho que meu tempo aqui está no fim.

-Como assim no fim? Falou o cacto em pânico.

-Minha jornada aqui está acabando devo voltar a ser solo e fortalecer as vidas que virão.

-Mas você não pode! Quem irá me fazer companhia?

A flor ainda serena lhe respondeu:

-Nunca lhe faltou companhia. Você é que nunca quis ver o mundo ao seu redor. A indiferença lhe cegou para o mundo a sua volta. Se tivesse tentado sentir, talvez tivesse vivido mil anos em apenas um. Agora devo parar, me sinto cansada.

Apesar de toda a preocupação do cacto, de manhã a flor estava murcha. Suas pétalas estavam espalhadas pelo chão.

A dor do cacto foi de tão grande proporção que algo estranho aconteceu. Lentamente, um a um, seus espinhos foram caindo e nos locais que antes estes ocupavam vertia água que banhava toda a área ao seu redor. Antes de definhando totalmente percebeu que a água que saía de si estava fazendo brotar diversas flores ao seu redor. A flor havia encontrado uma maneira de gerar vida através de sua união pura e delicada com o cacto. E este, pela primeira vez em sua longa e penosa existência, se sentiu realmente completo.